

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens melius  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christu Jesu.»

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

**SUMMARIO:**—*Manha velha da maçonaria*, pela redacção.—Secção Religiosa: *A União Catholica—A Devoção ao SS. Coração de Jesus—Pastoral do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo do Funchal; A Religião natural e a Religião Christã*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Scientifica: *Os principios catholicos perante a razão*, XVI—*A Egreja catholica*, por D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.—Secção Critica: *No Parlamento e na India*, por Elias de Sampaio; *Ainda os missionarios em Barcellos*, por um leitor do Primeiro de Janeiro.—Secção Illustrada: I, *Santa Balbina, virgem e martyr*; II, *Que foste, rei ou mendigo?* por R.—Secção Litteraria: *Goivos, poesia*, por Mattos Ferreira; *Doxologia—A' Santissima Trindade*, por J. C. de Faria e Castro.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE JUNHO DE 1887

## Manha velha da maçonaria

**B**EM conhecido é de todos os bons filhos da Santa Egreja Catholica, o rancor, a sãna feroz e estúpida que os mações, essa seita que tem coberto o mundo de escombros, teem para com o Papa. O seu maior inimigo, o maior obstaculo a todos seus planos nefastos é o Papa, porque o Papa fulmina essa seita maldita com os raios do seu poder e cega-os com o brilho esplendoroso da fé e da caridade.

Pois apesar d'esta inimisade botada ao chefe supremo da Egreja de Jesus Christo, os mações de todos os ritos, de todas as cores, e de todos os feitios, apenas o sabio Leão XIII, que ora preside felizmente á Egreja de Deus, tomou o lugar que deixara o Grande, o immortal Pontífice da Immaculada, para logo levantaram altos brados, saudando o novo Papa, evidenciando as suas virtudes, enrelevando salientemente o seu profundo saber, o seu amor para os povos, as suas ideias liberaes! Foi um coro immenso regido por Satanaz, erguendo loas ao Pontífice

Romano; mas isto, já se vê, com o unico fim de deprimir a memoria de Pio IX, e, pobres loucos! a ver se com os seus cantos de sereia encantavam Leão XIII, e faziam d'elle um instrumen-

foi ultimamente posta em pratica na Ilha Terceira, pelos amigos dos tres pontos e do triangulo, e, o que mais admira, é que com os mações, fazem coro alguns catholicos, com myopia bastante para não conhecerem o logro.

Referimo-nos ao constante insenso que os jornaes da Ilha Terceira offerecem ao Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Nilo-polis, respeitavel e muito digno coadjutor do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. Bispo d'Angra. E' uma bajolação torpe, indigna, e, sejamos francos, que muito deve magoar o character nobilissimo do futuro Bispo d'Angra.

Inimigos do virtuoso e illustrado Prelado, que sempre e em todos os campos os atacou e fulminou com os raios do seu poder e da sua vasta intelligencia, serviram-se da occasião presente para elevar té as nuvens o digno Prelado coadjutor, com o fim, unico fim de deprimir, de insultar, de rebaixar o Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Snr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, honra do Episcopado catholico e a quem a



SANTA BALBINA

to seu! Olhem que até pensavam isto, como que o Papa fosse algum principe de Gales, ou algum presidente de conselho de ministros do fidelissimo rei de Portugal! Esta manha velha da maldita seita, Egreja Açoriana deve serviços que não esquecerá nunca. Não nos admirava, nem d'isso fallavamos, que os jornaes impios da Terceira, os que negam Deus, os que blasphemam dos ministros da Egreja, os

que negam as verdades do Evangelho, se elevassem à alta dignidade de tufanos do Venerando Bispo de Nilopolis, porque conhecemos os fins com que o fazem; mas ao receber o *Amigo das Famílias*, que se nos apresentou como um jornal catholico, e ao ver occupar todo o n.º 38 com elogios ao Ex.º e R.º Sr. Bispo coadjutor, sem ao menos ter um rasgo de consideração para com o Prelado Angrense; sem uma palavra que mostrasse que o coadjutor é digno do coadjuvado, e que, com as suas virtudes e alto saber, foi designado por Deus, para continuar o apostolado tão digno e tão brilhante do actual Snr. Bispo d'Angra; ao ver isto n'um jornal catholico, o nosso espirito revoltou-se, e não podemos resistir ao desejo que para logo nos assaltou de dizer duas palavras acerca de tão pouco honroso proceder.

O que o *Amigo das Famílias* e todo o escriptor de fino criterio devesse fazer era, elogiar os altos dotes do illustre Bispo de Nilopolis, porque é sempre pouco tudo quanto se diga em prol de tão bom Apostolo; mas deixar sempre transluzir a ideia de que todos os seus dotes, toda a sua boa vontade, todas as luzes do seu alto entendimento, não eram mais que um dom concedido por Deus aos povos terceirenses, pois que continuariam a ter um Pastor que em tudo seguiria o rasto luminoso d'essa luz que está prestes a apagar-se. E' isto o que o *Amigo das Famílias* devesse fazer, antes que afinar pela viola dos mações d'Angra, que, quando não tiverem o bondoso Prelado actual para insultar, com certeza voltarão suas armas infames e calumniosas, contra o Prelado que hoje elogiam, porque tem de seguir as pisadas e as ordens dos irm.º de todos os tempos.

Mas, ainda que pese a esses espiritos corruptos, o triumpho do actual Bispo d'Angra hade ser completo, como o foi o do Santo Pontífice Pio IX; e assim como Leão XIII foi um digno successor de Pio IX, o Bispo de Nilopolis, hade ser digno successor do Bispo de Angra. E assim como Leão XIII despresou e fulminou os que o elogiaram com preversos fins, também o Bispo de Nilopolis hade despresar e fulminar os elogios que lhe dirigem os que são tão seus inimigos, como o são do Prelado que insultam.

Avaliamos o desgosto que o Snr. Bispo de Nilopolis terá soffrido, a indignação de todos os bons catholicos da Ilha Terceira, e por isso protestamos em nosso nome, e em nome de todos os filhos da Santa Igreja, contra o torpe, infamissimo e estúpido proceder da imprensa assalariada da Terceira, que tem elogios para um Bispo quando esconde

o punhal com que deseja assassinar todos os Bispos.

E porque n'isto mesmo vemos a gloria a mais aureolar a fronte do Ex.º e R.º Sr. D. João Maria, Bispo d'Angra, findamos enviando a S. Ex.ª R.ª mil parabens, porque os tiros dos maus, as vaias do garotismo, nunca feriram a purpura dos descendentes dos Apostolos, porque seus tiros, ao approximarem-se da Cruz resvalam e ferem quem os despede.

Salvê, pois, Venerando Prelado, que taes inimigos tem.

A REDACÇÃO.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### A União Catholica

A Voz da Igreja atravez os labios de S. Ex.ª R.ª o Sr. Bispo do Funchal

#### A DEVOÇÃO AO SS. CORAÇÃO DE JESUS

ISTO mesmo, unindo-nos em volta do venerando Prelado, promovemos a União Catholica, alistando-nos no vastissimo campo onde tem seus arraiaes os associados do Coração de Jesus. Está n'isto a verdadeira União Catholica, a União Catholica realisada pela oração, pela pratica de todas as virtudes christãs, e não a União Catholica formada por homens que nada curam de orações e praticas religiosas.

E' esta a verdadeira União Catholica, e a ella pertencem todos que escutam a voz do virtuoso e sabio Bispo do Funchal.

«D. Manoel Agostinho Barreto, por mercê de Deus e da Sancta Sé Apostolica, Bispo do Funchal, ilha da Madeira, Prelado domestico de Sua Santidade, do Conselho d'El-Rei &c.

A seus amados diocesanos, Clero e fieis d'esta provincia, saude, paz e benção em Jesus Christo, Salvador Nosso.

Ao terminar sua carta memoravel, ha pouco dirigida ao Episcopado lusitano, o Santissimo Padre Leão XIII, diz o seguinte: «E para que os resultados de tudo isto correspondam bem a nossos desejos, invoquemos unidos o auxilio celeste, recorrendo antes de tudo a essa fonte de graça divina, o sacratissimo Coração de Jesus, cuja devoção é muito notavel e antiga entre vós.»

Ora se em tudo e sempre é dever imperioso de catholicos acatar os preceitos e concelhos do Vigario de Christo, muito maior deverá ser a sollicitude e desvello de portuguezes quando o nosso paiz tanto deve aos successores de S. Pedro, e quando o actual Summo

Pontífice se desentranha em amorosas caricias para com esta minima parte do seu numeroso rebanho; de modo tal que é impossivel ter na alma a fé e o amor da patria sem sentir um profundo reconhecimento para com um tão glorioso e amavel Pontífice.

Com effeito é tal a sollicitude de Leão XIII pela nossa restauração religiosa, tão perfeito o seu conhecimento de nossas passadas glorias e desventuras presentes, tão acertado e esclarecido o seu alvitre para nosso unico e seguro resurgimento, que só insensatos ousarão repudial-o.

Se queremos as venturas da familia e da patria, se desejamos reconquistar o lugar de honra que outr'ora occupamos entre as nações christãs, e por isso mesmo civilisadas, é indispensavel volver aos sentimentos bem vivos de fé, derramar-a na alma da juventude, tomal-a para base de toda a educação não só religiosa, mas também social, não só scientifica, mas também politica, não só popular mas também aristocratica. É absolutamente necessario dar a supremacia a Jesus Christo e n'elle e por elle restaurar as coisas; *Instaurare omnia in Christo*; (1) refugiando-nos á sombra do seu estandarte, no seio amoroso do seu divino Coração.

Nem a familia será sanctamente constituida, nem a juventude piedosamente dirigida, nem o sacerdocio puro e zeloso em seu ministerio, nem os servidores da patria honestos e dignos em suas funcções, se todos não forem sacionar-se n'essa fonte abundante das celestes graças. Dil-o assim o Vigario de Christo, e os seus ensinamentos são baseados na inspiração sobrenatural, mas ainda no estudo da historia, como também nos factos contemporaneos. A' medida que os povos se afastam da Igreja crescem as desordens de todo o genero e o abysmo não está longe; quando se approximam e se inspiram em seus principios salutaes a regeneração se patentea.

Ora é felizmente certo que ha em nosso paiz ainda vivos todos os elementos de restauração e de vigor, por isso mesmo que na grande alma do povo ainda não morreu a fé. Basta que o clero se abraze em zelo e que os poderes publicos deixem toda a liberdade de acção aos ministros da Igreja e aos seculares fieis, para que o renascimento se torne visivel. Muito bem o diz o Soberano Pontífice: «os portuguezes tiveram sempre grande amor ao ensino religioso e o recebem com alvoroço e alegria, se nos sacerdotes, seus mestres, descobrem adorno de virtudes e fiança de doutrina. E' por tanto admiravel quam grande será a acção do clero no ensino

(1) Ab. Ephes, I, 10.

do povo, e particularmente dos mancebos, quando digna e desveladamente dirigida.»

Mas para que o seja, deve o divino Coração ser venerado, amado e servido, pois que d'elle derivam todas as graças e todos os incentivos para o bem, como todas as repulsões do mal. Bem grata se torna a mais ardua tarefa quando patrocinada por aquelle oceano de affectos. N'elle encontram conforto os abatidos e fatigados, alegria e consolações os afflictos, calor os indifferentes e tibios, sempre maior zelo os fervorosos.

Mas não é também somenos incentivo ao esforço e ao trabalho a colheita de copiosos e bellos fructos que se alcança, quando plantamos ou regamos sob sua auspiciosa direcção. Aqui, felizmente, o podem todos contemplar.

São bem concorridas n'esta diocese as solemnidades religiosas, nas quaes o povo encontra o seu maior prazer. A primeira vista poderia suppor-se que nas galas exteriores, nas manifestações festivas, um tanto profanas, estivesse o segredo d'esse attractivo e empenhada concorrência; mas se, quando não ha taes apparatus, quando tão somente se préga a penitencia, a emenda da vida e as practicas de mortificação e de piedade, é ainda mais firme e mais numerosa a concorrência, está provado que o sentimento de fé é que predomina. Effectivamente em todas as parochias por occasião de missões é viva a anciedade de escutar a palavra divina, são evidentes os signaes de commoção, os confessorios são cercados durante o dia todo e raras vezes é possível attender quantos ali correm, a sagrada meza é incessantemente frequentada; e, o que bem prova a sinceridade das crenças, quebram-se ligações criminosas e antigas, reconciliam-se familias, dissipam-se inimizades, restitue-se o mal levado e os costumes todos se reformam.

E', pois, indispensavel duplicar de zelo para que taes resultados se possam sempre obter; e para tal fim é mister cultivar com todo o esmero as devoções, que são estas o balsamo e perfume da vida do christão, o orvalho refrigerante na aridez do mundo, as flores mimosas da pureza, da castidade, do amor sancto na familia e na sociedade.

Porém, entre as piedosas practicas da actualidade, nenhuma ha que possa disputar primazias á tocante, sublime e adoravel do Sagrado Coração do nosso divino Redemptor. E' ella recommendada em primeiro logar pelo Sancto Padre, é uma das mais importantes revelações que tem illuminado os seculos, é certamente o maior clarão celeste depois do Cenaculo, cujos raios dissipam trevas e dissolvem gelos accumulados na alma das gerações. Ousaremos mes-

mo dizer, com a creatura bemaventurada escolhida para instrumento d'esta amorosa manifestação, que o divino Coração de Jesus é na Egreja um novo Mediador.»

«De modo que assim como não podemos subir ao Pae senão por meio de Jesus, seu Filho, por nosso amor revestido da natureza humana, assim tambem não será possível approximar-nos do Filho senão recorrendo ao amor infinito de seu Coração.» (1)

Esta é hoje em dia sem duvida a devoção das devoções, o que é facil de conhecer por varios motivos; quaes são: 1.º a excellencia de seu objecto; 2.º as bellas e sublimes promessas que lhe estão annexas; 3.º suas primorosas practicas; e 4.º, finalmente, seus prodigiosos effeitos.

I—O homem, este maravilhoso composto de alma e corpo, feito à imagem e semelhança de Deus, torna-se bem distincto de todos os seres creados não só pelo seu entendimento como ainda mais pelo coração. E' este a séde dos affectos, e por esses se torna o homem amado e venerado. Os rasgos da intelligencia podem fascinar as multidões por um instante, mas, como o sulco passageiro do navio sobre as aguas, em curtos momentos se dissipa seu effeito; ao contrario as affeições do coração bem formado tem outro imperio sobre as almas e podem arrastar com maior efficacia todos os que sintam esse choque magnetico em seu proprio coração.

A admiração prende os espiritos sempre que outro espirito superior se lhes defronta, ou seja de um homem contemporaneo ou mais ainda de um vulgo do passado; por que essas imagens se engrandecem com o curso do tempo, como as sombras projectadas à hora do sol poente; em vão se procurará o amor, a veneração, o enthusiasmo se esses colossos do presente ou do passado se não distinguiram tambem pela elevação de sentimentos generosos, encerrados n'um coração magnanimo.

E' por isso que um genio do nosso seculo, elevado providencialmente ao apogeu da gloria, mas depressa precipitado no abysmo do despreso e da oppressão, logo que de seu animo desvanecido pela soberba se varreu a lembrança de seu destino, exclamava tristemente: «comparaes os maiores genios e heroes da antiguidade a Jesus Christo e vereis a incommensuravel distancia que os separa. Quem é que hoje pensa em Cesar, Annibal ou Alexandre? Quem os ama, quem os admira? Serei talvez eu o unico que os venera. Esse humilde Gallileo quem é que o não admira e venera, e sobre tudo quem é que o não

ama? As multidões amam a Jesus com um amor ardente, com amor entusiastico que vac até à immolação e ao sacrificio, porque Jesus amou os homens e tanto que por elles deu a vida.»

(Continúa).

## A Religião Natural e a Religião Christã

### I

MUITO se tem abusado da palavra *religião natural* para combater a religião revelada, ou a verdadeira religião que necessariamente deve ser revelada.

Os incredulos, commumente, pretendem seguir a religião natural, recusando-se a acceitar toda a religião que se diga revelada.

Convem, pois, determinar o sentido das palavras para tirar todo o equivoco e confusão em materia de tanta importancia, que pôde illudir as pessoas ignorantes.

Diz o incredulo:—A religião natural é a que sempre tiveram e guardaram todos os homens até Moysés, e que depois guardaram todas as nações, à excepção da judaica, até Jesus Christo. Esta religião natural não foi revelada, mas sim formada pelas luzes da razão...

A verdade é que a religião natural, chamemos-lhe assim, é a que Deus ensinou a nossos primeiros paes, e que sempre seguiu ou devia seguir toda a sua descendencia. As luzes da razão nunca poderiam dar ao homem um tal conhecimento.

Ora esta religião natural não é outra mais que a religião christã que ainda agora temos, e que existirá até à consummação dos seculos. E' a mesma religião levada por Jesus Christo à sua perfeição.

Deus fundou a religião na sociedade, nem podia ser d'outra sorte. Na religião entra a sociedade, como o terreno e os alicerces entram no edificio; e é a mesma religião que compõe a sociedade, formando os seus materiaes ou as suas partes componentes.

Esta sociedade foi em geral por Deus delineada e organizada debaixo do mesmo plano religioso. Assim religião e lei natural é uma e a mesma cousa.

Para melhor entrarmos no plano divino da religião, devemos consideral-a em tres epochas principaes, ou em tres principaes edades como no homem: infancia, mocidade e virilidade. Não falamos da velhice, porque a religião jámais n'ella entrará.

Consideremos na chamada religião

(1) L'Abbé Bougaud, Histoire de la bienheureuse Marguerite-Marie.

natural que tiveram os homens até Moysés, a sua infancia; na lei escripta ou na religião moysaica, a sua mocidade; na christã, a sua virilidade ou perfeição ultimada.

A religião, pois, é uma só. Deveria Deus ser accusado de variavel se desse diferentes religiões ao homem. Jámais elle variou n'este seu plano.

Não tendo o homem luzes algumas da razão com que podesse formar a religião, foi necessario que Deus lh'a desse; porque nenhum outro havia que a podesse ou devesse dar.

Foi o homem creado no estado brutal; deu-lhe, porem, Deus a instrucção, isto é, a lei, a religião.

A grande obra da criação do homem ficaria em menos de meio ou na maior imperfeição, se Deus deixasse o homem n'esse estado. Que importaria tão grande obra, se aquelle que a creou como a mais perfeita creatura e a quem se dirigia toda a mais criação, pois por causa do homem foi tudo o mais creado; que importaria, se o homem ficasse no estado brutal?

Imperfeitissima, vã e inutil ficaria tão grande obra. Poderíamos dizer que Deus creára menos de metade do homem: crearia sómente o corpo e não a alma que faz todo o homem.

Foi, pois, de absoluta necessidade que Deus elevasse esta grande obra à sua perfeição; e elle só o devia fazer, pois d'outra sorte não seria elle o unico Creador. Deu-lhe, por tanto, a instrucção, completando tão grande obra.

Sem a instrucção não podia o homem conhecer a *naturalidade* das cousas.

E na verdade, não tem por mui natural os anthropophagos da America ou quaesquer outros, o sustentar-se de carne humana? Não vemos as nações illicis terem por mui naturaes torpezas de que nós dizemos que a natureza se horrorisa?

Assim é certo que o homem por si mesmo não pôde conhecer nem o que lhe é natural ou conforme à sua natureza.

D'aqui devemos concluir que os homens jámais atinariam com a lei natural, a não ser Deus que n'ella os instruisse.

E tanto é isto verdade, que, tendo os homens sido instruidos a principio n'esta lei natural, a perderam a tal ponto que não poderam mais atinar com ella, e passaram a ter por natural o que é inteiramente opposto à lei natural. Os homens, guiados só pelas luzes da sua razão, consideraram como justo e santo o que havia de mais abominavel e infame e torpe e contrario à natureza.

Accentuemos mais claramente o que deixamos enunciado.

Deus, creador do homem, devia ser o seu instructor, e só elle, porque só elle, como creador do homem, sabia a lei que convinha á natureza do homem e que lhe era conforme. Só elle, e ninguém mais.

O homem jámais poderia conhecer o que lhe era natural, se Deus o não instruisse n'este respeito.

Suppostos estes principios, baseados em razões claras e evidentes, resta saber qual foi a instrucção que Deus deu ao homem, qual a lei natural ou religião natural que os primeiros homens seguiram.

Note-se desde já que lei e religião tudo é o mesmo, no assumpto de que tratamos.

Sendo certo que Deus foi o instructor do homem, segundo os principios estabelecidos, devemos tambem ter por certo que lhe deu esta instrucção de palavra, e não por meio de inspiração.

Que Deus fallou com Adão, sabemos-o com toda a certeza, como consta do texto do livro santo. Vemos que lhe intimou muitos preceitos e por consequencia grande parte da lei. Assim toda a lei natural ou religião foi recebida de viva voz.

Nós vemos que fez o mesmo com Caim, com Noé, com Abrahão e com Jacob, tratando sempre com elles de viva voz. Não procedeu d'outra sorte com Moysés. A todos elles fallou não por modo de inspiração, mas sempre com o estrondo e som de voz.

Temos a notar o mesmo nos prophetas, os quaes a cada passo repetem a phrase: *Dixit Dominus*; o que significa claramente que Deus lhes intimava de palavra as suas ordens.

A mesma cousa observamos em Jesus Christo que aos Apostolos documentou sempre de palavra, e todas as suas doutrinas foram dadas de viva voz, e nada por inspiração, e nem ainda por escripta.

Posto isto, vê-se que Deus desde o principio deu de palavra a instrucção ao homem sobre os seus deveres, em relação ao seu Creador, a si mesmo e a seus semelhantes. Esta instrucção é o que por outro nome chamamos religião, que provem da revelação divina.

Segue-se, portanto, que a religião é uma só, e é sempre revelada. Religião natural, religião moysaica, religião christã, é a mesma religião que Deus ensinou aos homens.

Em vão os incredulos pretendem oppôr a religião natural à revelada.

No artigo seguinte desenvolveremos estes principios.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Os principios catholicos perante a razão

XVI

#### A Igreja catholica

(Continuado do n.º 14)

s caracteres que distinguem a Igreja verdadeira dos falsos cultos acham-se expressos com toda a clareza no summario da fé que compozeram os Apostolos, e no symbolo de Nicêa accordado pelo supradito Concilio geral.

São quatro estas condições significadas com perfeita exactidão por quatro termos, que dão a conhecer as maravilhosas qualidades da verdadeira religião: *uma, sancta, catholica, apostolica*.

Existe grande harmonia e a união mais perfeita na Igreja subordinada a um só chefe, que não tolera diversidade de dogmas, cujos fieis, formando todos um só corpo, professam a mesma fé e participam dos mesmos sacramentos, e que expulsa da communhão universal os innovadores das suas crenças divinas e imperecedouras.

E' uma a Igreja governada pelo Pontifice romano, pois repugnando toda a condição de dualidade com o que é perpetuo, divino e verdadeiro, não podem existir duas religiões de encontrados e diversos dogmas, que sejam igualmente verdadeiras, divinas e perpetuas; d'onde se segue que é tão absurda como erronea a crença protestante sobre a segura salvação de todos os christãos que cumpram os deveres dos seus respectivos cultos.

Assim o crêem os reformados por não se inquietarem com a infinita divisão das suas doutrinas, e não faltam catholicos ignorantissimos que recommendam este paradoxo severamente condemnado pela auctoridade legitima da nossa sancta Igreja.

Não ha salvação para os herejes, e são herejes os que vivem separados da communhão catholica, apostolica, romana, unico ensino que se distingue entre todos pela sua maravilhosa auctoridade. E' verdadeiramente sancto pelos seus preceitos e doutrina, em que vemos a caridade levada ao heroismo, a perfeição das virtudes mais difficeis, a abnegação sublime no amor do proximo e perdão das injurias, e no horror que necessariamente inspira às desordenadas paixões do pervertido coração humano, contrarias ao purissimo amor que Deus exige das suas creaturas racionais.

Chama-se catholica ou universal a nossa Igreja, porque cabem n'ella todos os mortaes, sem distincção de eda-

de, de sexo, de condição social nem patria; tão benevola e caritativa é ella para com o estúpido selvagem como para com o homem da maior illustração, e as suas leis immutaveis obrigam tanto os principes como o infeliz escravo, o rico como o mendigo, os sabios como os ignorantes: além d'isso é catholica, porque triumphou sempre das heresias, porque cuida de instruir todas as nações da terra enviando-lhes por meio de nobres missionarios os fulgores de sua luz purissima, e porque espalhada por todo o mundo é mais universalmente professada que cada um dos falsos cultos.

Chama-se apostolica a Egreja que o nosso divino Redemptor fundou, e que vem atravessando dezenove seculos com a mais constante e admiravel serie de Pontifices e de bispos, verdadeiros successores d'aquelle apostolado que recebeu a sua jurisdicção de Jesus Christo.

Os Apostolos compozeram uma formula ou profissão de fé que havia de unir em identica doutrina todos os christãos da terra. E' o symbolo que nós os catholicos professamos e ao qual a heresia rejeita.

E' evidente em verdade que só o catholicismo conserva com pureza as tradições e crenças apostolicas, e poderosas razões e o mais legitimo direito tem a nossa Egreja para usar um titulo tão verdadeiro como sancto.

Os doutores protestantes confessam que a Egreja governada pelos Papas nos cinco primeiros seculos é a Egreja verdadeira; d'onde se deduz que a Egreja romana das epochas seguintes continuou a ser verdadeira, porque a *Egreja verdadeira não pode errar*, e se ella acertou nos tempos primitivos, não pôde depois errar, a não suppor-se que fosse primeiro verdadeira, e que depois se tornasse falsa, supposição que por absurda não devemos combater.

Entretanto os sectarios do seculo XVI assim discorreram; mas qual das seitas protestantes será a verdadeira? quem é a cabeça visivel, cuja auctoridade acatam e veneram? Hoje é chefe da egreja de Inglaterra uma senhora mui digna e respeitavel: mas poderão os theologos anglicanos citar algum texto com que Jesus instituisse uma mulher como cabeça da Egreja? Poderão demonstrar-nos a unidade da sua religião. circumstancia necessaria para ser reconhecida como certa, segundo o symbolo de Nicéa, pois que reconhecem este Concilio? Podem por ventura aceitar as decisões conciliares d'esta celebre assembléa, rejeitando a principal de todas que foi o symbolo? E antes de Luthero se dar a conhecer, qual foi a Egreja verdadeira?

Não foi este apostata agustinho o verdadeiro interprete da sublime doutrina evangelica, nem quem lhe restituiu o esplendor e sanctidade que a Egreja catholica conservou sempre em toda a sua pureza; antes pelo contrario a obscureceram os sectarios com adulações e condescendencias abertamente oppositas á rigida moral de Jesus Christo.

Luthero conhecia a doutrina christã sobre o matrimonio, e permittiu, todavia, a libertinagem conjugal, auctorizando a bigamia, tão combatida por S. Paulo: «O que ama sua mulher, ama-se a si mesmo. Porisso o homem deixará seu pae e sua mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois em uma mesma carne. Este sacramento é grande, mas eu digo em Christo e na Egreja (1).»

Pôde ser divina a missão dos doutores anglicanos, que justificaram as desordens de Henrique VIII de Inglaterra, a sua monstruosa incontinencia e refinada crueldade, os seus juridicos assassínios e repugnantes parricídios?

Jesus Christo prometteu aos pastores da sua Egreja estar com elles até o fim do mundo. Esteve acaso em Isabel e Jacob de Inglaterra, chefes da egreja protestante, quando ordenaram aquellas horribes prescripções contra subditos fieis á religião catholica? Pôde Deus inspirar tantas mortes executadas com inaudita crueldade, tantas violencias, tropelias e confiscações levadas arbitrariamente a effeito?

Mas suspendamos as considerações acerca de Luthero, supposto devamos destinar algumas paginas ao exame de seus actos e doutrinas tristemente celebres, do conhecimento dos quaes os nossos leitores deduzirão se semelhante homem pôde receber de Jesus Christo a sancta missão de regenerar a Egreja.

As indicações que 'neste capitulo deixamos apontadas sobre as doutrinas protestantes, teem por objecto demonstrar que uma moral tão relaxada não é a moral do Evangelho, e que Jesus Christo não pode estar com essa Egreja, que tão dividida se acha nos seus dogmas, jurisdicção, culto e disciplina. De tudo o que se deduz sem sombra de duvida que só é divina, por consequente verdadeira, a Egreja catholica, apostolica, romana.

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.



(1) Aos Ephesios, cap. V, vers. 28, 31 e 23.

## SECÇÃO CRITICA

### No Parlamento e na India

Nesta hora presente, quando no parlamento portuguez se allirmou mais uma vez, que os deputados, esses homens que á custa da Patria assassinam a mesma Patria, são, por isso que inimigos das Ordens religiosas, inimigos do nome portuguez, e das gloriosas tradições de que se ufana ainda esta nação nobilissima; agora, dizemos, vem muito a propósito repetir aqui as noticias que um amigo nosso nos communica da India.

Antes, porem, de nos occuparmos da carta do nosso amigo, digamos algumas palavras, sobre o facto escandaloso que se deu ha pouco na Camara dos deputados.

O Snr. D. José de Saldanha, a propósito da concordata, propoz um additamento para a admissão das Ordens religiosas nas nossas provincias ultramarinas. Note-se que só pedia as Ordens religiosas para o ultramar! Mas mesmo assim, que julgam os nossos leitores, que fizeram os *paes da Patria*? Rejeitaram o aditamento do snr. D. José de Saldanha, por 74 votos contra 5!! Unicamente 5 deputados é que approvaram o estabelecimento das Ordens religiosas no ultramar, havendo ainda a registrar o facto lastimosissimo de, entre esses 5 deputados, só entrar um padre!!

Vergonha! Onde estavam os outros padres, os outros membros do clero catholico com assento na camara, que não approvaram a grandiosa idéa do snr. D. José de Saldanha?

Ah! perdão. Os padres catholicos não teem logar na camara dos deputados; os que lá estão são padres... regeneradores, progressistas, reformistas, constituintes, republicanos etc., etc., e os politicos não teem nada que vêr com frades, e com os negocios religiosos. Tiveram razão em não approvarem, ou em não apparecerem na camara, porque os interesses dos diversos grupos politicos não eram de perto ameaçados. Fizeram bem, e os povos tambem ficam sabendo se fizeram bem em os mandar divertir-se para Lisboa á sua custa.

Mas vamos ás noticias da India, que provam os amores paternaes dos governos pelos dominios ultramarinos.

A chegada de S. Ex.<sup>a</sup> Rv.<sup>ma</sup> o Snr. Bispo de Macau a Singapura, foi um acontecimento memoravel para aquelles povos, que ainda se acham sob o dominio espirital da Egreja Portugueza, e com instancia sollicitaram de S. Ex.<sup>a</sup> Rv.<sup>ma</sup> a graça de se demorar algum tempo alli, o que o hom Apostolo fez, celebrando de Pontifical no dia de S.

José, que é Patrono da Igreja portugueza de Singapura. O incançavel Prelado não se poupou para agradar áquelles bons filhos de Portugal, que teem ainda como uma felicidade o pertencer sempre, ainda que só no espiritual, á nação que os fez christãos.

De Malaca, diz o nosso amigo, muito havia que dizer. Entristece a alma, punge de saudade o coração portuguez ao vêr os restos do nosso antigo poder alli, ao vêr aquella cidade morta, porque se pôde crer morta, depois do estabelecimento de Singapura. Aqui foi o Sr. Bispo recebido com todas as demonstrações de festival affecto, sendo visitado a bordo por muitos christãos, e no caes esperava-o uma multidão pasmosa de christãos ávidos de vêr entre si um Bispo portuguez, sendo S. Ex.<sup>a</sup> Rv.<sup>ma</sup> acompanhado por todos e conduzido sob o palio, com todas as formalidades do ritual. Confirmou em Malaca S. Ex.<sup>a</sup> Rv.<sup>ma</sup> mais de 300 pessoas, tendo distribuido antes a sagrada communhão a igual numero de fieis.

Bem desejara, continua o nosso amigo, mas não me é possível, descrever os sentimentos que n'alma me feriram quando em Malaca me diziam: aqui era a fortaleza; acolá se vê ainda a entrada, para nos recordarmos dos nossos antepassados n'aquella terra; acolá era o fosso da fortaleza, que abrangia uma grande area; aqui dentro da fortaleza estão as paredes da igreja, ainda fortes, onde S. Francisco Xavier dizia missa e prégava; alli se vê ainda o logar do pulpito onde declarou uma vez que o inimigo que atacava Malaca era vencido n'aquella occasião; alli está a capella mór ainda abobadada onde o Sagrado Corpo de S. Francisco Xavier esteve sepultado quando foi trazido de Sanchoan, etc. e tudo isto nos foi roubado!!!...

A gente de coração é nossa, fallam a nossa lingua, a que elles dão o nome de lingua *christã*; todos nos amam como seus paes e bemfeitores. A ideia de que terão um dia de deixar de pertencer, em tudo, aos portuguezes, fal-os endoudecer quasi. (Por ora são nossos emquanto ao espirito). Elles não se contentam senão com que os Padres, que os hajam de dirigir espiritualmente, sejam portuguezes, quer venham de Portugal, quer de Goa, comtanto que sejam subditos d'aquella nação que mandou os primeiros missionarios a Goa, a Madras, a Cochim, a Ceylão, a Malaca, a Singapura, etc., etc.

Se nós tivéssemos ordens religiosas pelo menos para remediar as necessidades espirituaes d'estes povos, visto que, quanto ao temporal, já nada podemos fazer... mas nem uma nem outra cousa, infelizmente.

Para presidir aos destinos da nossa

nação era necessario andar algum tempo por estas terras, ouvir estes povos, ver o prestigio que ainda tem o nosso nome, examinar o que em outras eras por cá fizeram os nossos antepassados e depois... admirar, visto mais nada se poder fazer aqui, mas seguir o exemplo dos antigos em terras que ainda são consideradas nossas, mas que não o parecem, pelo desleixo em que se acham. Se pelo menos mandassem gente que ajudasse os pouquissimos missionarios que por cá andam, dando lições praticas de moralidade, mas, (refiro-me a colonias que são nossas) os empregados, certos empregados que por cá andam são outras tantas barreiras que encontram os missionarios para tornar bons os povos que instruem e pretendem moralisar.

Lastima o nosso amigo o desleixo dos governos, e sobre tudo a *boa* escolha que faz da mór parte dos empregados publicos que para lá manda, quasi sempre inimigos dos missionarios, porque, desenganemo-nos, os homens que alcançam logares publicos n'este desgraçado paiz teem de ser inimigos das glorias da Patria, que só se alcançaram da cruz á sombra, e é para nós ponto de fé, que os exploradores, verdadeiros *exploradores* que para nossos domínios ultramarinos são mandados, não o são com outro fim que o de tomar o passo aos ministros da Religião Catholica, julgando,—fortes palermas—que substituirão a fé pela sciencia!

O que se faz por terras de alem-mar, é o mesmo que se faz no parlamento. *Percam-se as colonias, mas nada de frades.* E' a divisa da Revolução.

Elias de Sampaio.

## Ainda os missionarios em Barcellos

(Conclusão)

**H**ou hoje, como prometti, rematar este trabalho; e vou rematal-o com a publicação d'algumas noticias relativas aos «missionarios em Barcellos», que me foram transmittidas pelo «Primeiro de Janeiro».

Os leitores, certamente, já se não lembram d'uma *boa* noticia que, ha tempos, publiquei n'esta Revista, uma noticia *importantissima*, mas que foi passando até hoje só com uma *bastonada* na cabeça... Não se lembram... não?

Eu podia dizer aos bondosos leitores que abrissem o vol. 8.º do «Progresso Catholico», na pag. 114, onde tal noticia foi estampada. Mas, para que não tenham esse incommodo, vou, novamente, espalhar-a aos quatro ventos.

Disse o *Janeiro*:

«Os missionarios em Barcellos.—Contam d'alli o seguinte:

«Aqui parece que se voltou á Idade-Media. Pelas tres horas da noite já as ruas estão apinhadas de gente, cantando os *versinhos* do Sameiro, e outras cantilenas. A' porta da igreja, onde se fazem as missões, estão já levantadas cinco barraquitas, onde umas mulheres vendem contas, escapularios, medalhas, reliquias, etc.

«Na semana finda veio aqui uma pobre mulher de Vairão (Maia) para fallar aos missionarios, dizia ella, porque *tinha uma irmã com elles*, e queria saber noticias d'ella. (!) Os padres não lhe fallaram, mas mandaram-lhe dizer que se não importasse com a irmã. A mulher queixou-se e o caso produziu escandalo, mas afinal a pobre mulher teve de voltar para Vairão como tinha vindo»!

Ora ahi está uma noticia de fazer tremer montes e valles!

Se o *Janeiro*, porém, e o jornal barcellense que lhe «contou» a droga que ahi fica, quizerem saber alguma coisa da do que foi a «Idade-Media», tenham a bondade de ler a pag. 114 do 8.º vol. d'esta Revista. Lá verão que a «Idade-Media» não foi uma idade de ignorancia, de trevas, de obscurantismo (como parecem indicar as primeiras palavras do *conto*), mas sim «uma idade brilhante, apesar dos seus defeitos, entre as edades mais brilhantes da humanidade». Dada, pois, já n'aquella pagina esta *bastonada* na cabeça da noticia, vamos ao resto.

Mas antes d'isso sempre direi ao *Janeiro* e ao seu amigo contador de Barcellos que, se quizerem ter conhecimento dos muitos «*esplendores* da idade moderna», leam o folheto—REFLEXÕES AO LIVRO—A REFORMA DA CARTA E O BENEPLACITO REGIO—DO SR. CONDE DE SAMODÃES—pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Director da «Ordem». Leam-n'o na pag. 53 e seg., e n'elle verão os muitos «*esplendores* da idade moderna», que, *realmente*, são *deslumbrações*! O *Janeiro* mesmo e os jornaes de Barcellos adversos aos missionarios são *esplendores tenebrosos* da idade actual. Quem o pôde negar?

Mas deixemos isto.

Diz a noticia que—«*pelas tres horas da noite já as ruas estão apinhadas de gente, cantando os versinhos do Sameiro e outras cantilenas*».

Ora ahi está como o *Janeiro* e o seu amigo barcellense que lhe deu a noticia, vão mostrando o fio ao panno.

(1) E' muito bonita a cantiga do—ella e elles.

Nota do leitor do «Primeiro de Janeiro».

«Pelas tres horas da noite já as ruas estão APINHADAS DE GENTE»!!!

Quer isto dizer que os missionarios varatojanos não terrorisavam ninguém, nem faziam perder o juízo à «gente». Se assim não fosse, como é que as ruas se «apinhavam de gente» para ir escutal-os ao templo? Quereria tanta «gente» ficar monomana, sem juízo?

Isto ainda mais comprova que a monomania de Amelia Ferreira de Azevedo não foi «incutida pelos terrores dos jesuitas do Varatojo».

São, pois, muito benignos os taes «jesuitas do Varatojo»; aliás não iria tanta «gente» ouvir-os.

O que me parece é que o noticiador de Barcellos, o tal que contou a droga ao *Janeiro*, não é contado no numero da «gente»; porque se fosse, havia de applaudir tanta «gente» que cantava os «versinhos do Sameiro». Porque o não fez? Porque o noticiador gosta mais de «outras cantilenas». Se se cantasse, por exemplo, o *fadinho*, o noticiador saltava logo para a rua a fim de encher mais o côro; mas como a «gente» cantava os «versinhos do Sameiro»...

Mesmo até se, «à porta da igreja onde se fizeram as missões se levantassem», em vez de «cinco barraquitas», cinco barracões em que «umas mulheres» não vendessem «contas, medalhas», etc., mas dessem alguns quartilhos de verdasco, o noticiador, com certeza, gostava muito mais dos taes barracões, e visitava-os frequentes vezes, porque bebia a seu gosto, as mulheres dos barracões não lhe pediam «contas», e sahia de lá com o peito da camisa bem guarnecido de «medalhas» vinosas. Não é verdade isto? Tenho um dedo que adivinha!...

E que dizer agora da mulher de Vairão? Então os missionarios tinham «com elles», em Barcellos, «uma irmã da pobre mulher», hein? Ora esta!... E os de Barcellos, os inimigos fígadaes dos missionarios, em vista d'um tal desfôro, em vista do «caso produzir escandalo», ficaram muito socegados? Deixaram sahir d'ahi os missionarios sem lhes exigir a pobre mulher viva ou morta?! Ora esta!...

Certos rabiscadores de Barcellos sempre são muito cobardes... sem coragem! Se fossem outra qualidade de «gente», a coisa não ficava assim... Pois o «caso produzir escandalo», e os rabiscadores metteram as mãos nos bolsos?! Admira!

Mas ouça, snr. noticiador: eu sei muito bem que os missionarios, logo que sahiram de Barcellos, foram missionar para a freguezia de Padim da Graça, do concelho de Braga. E o que é certo é que os não acompanhou mulher alguma para aquella freguezia. Os missionarios iam acompanhados de dois padres, do

snr. Manoel Antonio Pereira Barrada, e... mais ninguém.

Por conseguinte, se os «jesuitas do Varatojo» tinham, em Barcellos, a irmã da pobre mulher de Vairão «com elles», é muito provavel que ella ficasse n'essa villa, visto a tal «irmã» não acompanhar os missionarios para a freguezia de Padim da Graça. Procurem-n'a, pois, ahi; façam como o podengo; corram e farejem todas as tocas da villa até acharem a coelha. E agora que Barcellos tem a ala esquerda do 20, dêem-lhe também que fazer; chamem-n'a para os auxiliares; mandem-n'a procurar a mulher por todos os beccos, casebres e casas, e logo que seja encontrada, gritem então — eis o «caso que produziu escandalo»!!

Tenham, porém, a certeza de que não acham a irmã da pobre mulher de Vairão; e não a acham porque «o caso que produziu escandalo» não foi «caso»; foi, a meu vêr, uma grandissima patranha e... mais coisa nenhuma. E como os leitores já sabem que certos rabiscadores de Barcellos têm um *dom especial* para propalarem a mentira, o que se pôde esperar d'elles? «Cesteiro que faz um cesto, faz um cento».

Desempoeirada esta noticia, vamos a outra muito importante. Disse o *Janeiro* no seu numero 32: (1)

«Os missionarios em Barcellos.—Com o titulo *Os sotainas*, vão ser colligidos em folhetos os artigos publicados pela «Ideia Nova» de Barcellos, a respeito dos missionarios do Varatojo».

—«O snr. ministro do reino mandou syndicar o que ha de verdade na informação dada perante o parlamento de que foi por influencia das doutrinas de um dos taes missionarios que enlouqueceu n'aquella villa uma mulher».

Isto faz rir.

Eu li unicamente um supplemento ao numero 19 da «Ideia Nova» de Barcellos, supplemento repleto de mentiras, calumnias e contradicções, o qual foi publicado e analysado n'esta Revista, como os bons leitores viram. Ora os «artigos publicados pela «Ideia Nova» de Barcellos, a respeito dos missionarios do Varatojo», haviam de nascer do mesmo *craneo*, e ter, por conseguinte, a mesma *belleza*. Dignos eram, pois, de se «colligirem em folheto» para attestarem melhor a posteridade as *negras luzes* do seculo actual.

Mas quer o *Janeiro* saber uma coisa? Eu podia também escrever e publicar esta noticia:—MENTIRAS E CALUMNIAS—«Com o titulo»—mentiras e calumnias—«vão ser colligidos em folheto os artigos publicados» pelo «Progresso Catho-

lico»... etc. Se o não faço, é porque não quero.

E a syndicatura? Qual foi o seu resultado? Os leitores já o sabem, mas vou repetil-o:—os medicos declararam que a monomania de Amelia F. de Azevedo «não proveio da influencia das missões». Por isso... vamos ao mais.

D'esta importante noticia collige-se uma coisa muito digna de notar-se:—é que as «doutrinas de um dos taes missionarios» eram diversas das do outro!! Um missionario era catholico; o outro era talvez protestante!!

Mas se tal parvoíce causa riso aos bondosos leitores, riam-se também agora d'uma grande contradicção.

O *Janeiro* havia dito n'outra noticia que Amelia Ferreira de Azevedo enlouqueceu na missão dada na freguezia de Gual (2); diz, porém, n'esta noticia que a referida Amelia enlouqueceu na villa de Barcellos!! São louquices do *Janeiro*!

E os bons leitores querem saber onde é que o *Janeiro* mostra bem a sua muita louquice? E' n'outra breve noticia que estampou no seu numero 44.

Ouçam o que elle diz:

«Missionarios.—Apesar de todos os protestos que se têm feito, os padres do Varatojo continuam ainda a missionar em Barcellos».

O' pobre *Janeiro*! O' pobre louco! Quem foi que protestou contra «os padres do Varatojo»? Quem? Não foi o snr. *Janeiro*? Não foram os seus collegas *geringoneiros* de Barcellos? Sem duvida.

De maneira que a noticia do *Janeiro* quer dizer isto:—Meus leitores: não ignorem que eu berrei e berrei muito contra «os padres do Varatojo» que missionam em Barcellos; porém sou uma nullidade n'este mundo! Ninguém escutou as minhas palavras! Foi tempo perdido! «Os padres do Varatojo continuam ainda a missionar em Barcellos», e hão de continuar a missionar em todo o reino de Portugal e dos Algarves!!

E' isto o que o *Janeiro* diz na sua noticia: nem mais, nem menos. D'esta vez o *Janeiro* merecia um *pinhão* por ser franco.

Mas diga-me snr. *Janeiro*: por ventura julgava que, unindo a sua fraca voz à dos seus amigos de Barcellos, expellia de lá os missionarios, ou concorria para isso? Grande louquice!

Pois não sabe o *Janeiro* que o *progresso de carangueijo*, de que é partidario, tem no bolso uma *Carta* que affirma no art.º 6.º que a Religião Catholica Apostolica Romana é a Religião do Reino? Não sabe que a mesma *Carta* no art.º 76.º diz que—«o Rei, antes de ser acclamado, prestará na mão do

(1) Todos os numeros do *Janeiro* que acima forem indicados pertencem ao anno preterito de 1886.

(2) Veja-se a pag. 104 do 8.º vol. d'esta Revista.

Presidente da Camara dos Pares o seguinte juramento:—Juro manter a Religião Catholica Apostolica Romana?... Não sabia isto o *Janeiro*?

Ora se a Religião Catholica é a Religião do reino, e prégando os missionarios a sã doutrina catholica, queria o *Janeirinho* que alguém os prohibisse de missionar? Que grande louquice a do *Janeiro*!

Olhe. . . . quer que lhe diga uma coisa? Foi por causa das suas muitas doideças e d'alguns seus collegas barcelenses, que os missionarios varatojanos se demoraram a missionar em Barcellos muito mais tempo do que tencionavam. Deram, pois, o *Janeiro* e *Companhia* lenha para se queimarem. Entendeu, snr. *Janeirinho*?

Esta noticia, como acaba de ver-se, não deixou de ser importante; vamos agora a outra que o não é menos.

Diz ainda o *Janeiro* no seu numero 51:

«Os missionarios em Barcellos—Terminaram domingo as missões em Barcellos com um extenso sermão prégado ao ar livre, no largo da Calçada.

«Uma folha d'aquella villa diz o seguinte: (1)

«A desventurada Amelia Ferreira, victim dos missionarios do Varatojo, seguiu segunda-feira da ultima semana, para o hospital do Conde de Ferreira... (2)

Caspite! Nem acabo de copiar a noticia! O *Janeiro* e os seus confrades de Barcellos são loucos furiosos, não ha duvida! Pois a saberem muito bem, já quando publicaram esta noticia, que Amelia Ferreira de Azevedo não «foi victima dos missionarios do Varatojo», e a continuarem a dizer que—sim! (3)

(1) A missão em Barcellos terminou no dia 21 de Fevereiro de 1886.

(2) O *Janeiro* ainda deu mais noticias importantes. Tenho defronte de mim ainda duas: uma correspondente ao dia 13 de Abril de 86, e outra do seu numero 125 (25 de Maio do mesmo anno). A importancia d'ellas é tamanha que podem ficar muito bem sem nova publicação.

(3) *Janeiro* talvez desse mais algumas noticias relativas aos missionarios em Barcellos. Não tenho, porém, conhecimento d'ellas porque o meu amigo e visinho, em casa de quem lia o jornal de 10 reis, foi então para uma quinta que possui longe da freguezia em que habito, e lá recebia elle o *Janeiro*, ficando eu, por conseguinte, ás escuras, sem a grande luz do *Janeirinho*.

(3) Esta noticia deu-a o *Janeiro* em 27 de Fevereiro de 1886. Muito tempo antes já a imprensa havia dito que a monomania de Amelia F. de Azevedo não era religiosa, e que a missão dada em Gual de maneira nenhuma concorreu para tal loucura.

Advirta-se, porém, que o *Janeiro*, na noticia de 13 de Abril, apontada na nota anterior, e que copiou da «Gazeta do Povo» de Barcellos, ainda diz que Amelia foi «victima do fanatismo que as missões alastram pelas aldeias!!» E na noticia de 25 de Maio, indicada na mesma nota, affirma ainda que

Isto só de loucos furiosos! e de loucos Deus me defenda. Costuma-se dizer na minha terra que—«com tolos nem para o ceo».

Estou, pois, resolvido a não gastar mais tempo com o snr. *Janeiro*.

Ataquem. . . . ataquem a Igreja Catholica todas as hostes infernaes: ella triumphará sempre de seus inimigos. *Portus inferi non praevalerunt adversus eam.*

Vou ultimar este pobre e humilde trabalho pelo que disse um notavel orador e missionario:—«Miseraveis de nossos tempos! Pois n'elles se veio a cumprir a prophesia de S. Paulo: virá tempo em que os homens não soffrerão a doutrina sã; mas para seu appetite terão grande numero de pregadores feitos a montão e sem escolha, os quaes não façam mais que adular-lhes as orelhas: fecharão os ouvidos á verdade, e abril-os-hão ás fabulas». (1) *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros prurientes auribus, et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur.*

Um leitor do «Primeiro de Janeiro».

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### I

#### Santa Balbina, virgem e martyr

EXEMPLOS magnificos de fé e despreendimento das cousas da terra nos dá a historia da Igreja em todos os tempos; mas a época dos martyres é a que mais sublimes exemplos nos aponta de valor e resignação evangelica.

Santa Balbina, que pôde servir de modello ás meninas christãs, nasceu em Roma, sendo educada nos erros do paganismo; mas achando-se perigosamente doente e sem esperança de ser salva, seu pae, gentio tambem, mas conhecendo os milagres operados por intermedio do Santo Pontífice Alexandre, rogou-lhe que salvasse sua filha, o que o santo fez só com impor na cabeça da menina doente a bolsa que trazia ao pescoço com as Santas Reliquias. Desde então, Quirino, converteu-se ao christianismo e sua filha foi educada christianamente, tornando-se tão fervorosa filha da Igreja, que foi levada á presença de Aureliano, onde confessou a sua fé, condemnando os erros do paganismo e proclamando as verdades da Religião Catholica. A nossa gravura representa

Amelia foi «victima das missões de Gual»!!!

Faço esta annotação para que os bons leitores saibam as bellas qualidades que exorçavam o *Janeiro* e camaradas de Barcellos, e a pouca vergonha d'elles.

(1) 2.ª ep. ad. Timoth. cap. 4. v 3 e 4.

a santa no tribunal do tyranno, desprezando a vida para só fallar no reino de Jesus Christo.

Foi condemnada á morte, realisando-se o seu martyrio no dia 31 de março de 132.

### II

#### Que foste, rei ou mendigo?

A nossa segunda gravura representa um frade, um d'esses homens a quem tanto deve a humanidade, e que tem sido tão mal remunerados por aquelles que mais bem d'elles recebem.

Passava no cemiterio do mosteiro quando deparou com uma caveira de posta sobre a fria lage d'um tumulo. Tomou a caveira, beijou-a e depois, pensando no que é o homem, no que ficam todas as grandezas e bellezas terrenas assim interrogou aquelle symbolo da morte:—Que foste tu, a quem pertencestes, a um rei, ou a um mendigo? Cingistes-te com o diadema da realza, com os louros da victoria, ou pendeste ao peso de mil soffrimentos, sem um dia de gloria, arrastando sempre a desgraça apoz ti?

E depois de assim meditar, ajoelhou no chão humido da morada dos mortos, e orou, orou por todos os que alli tinham os corpos, pedindo para a alma de todos o descanso eterno.

Assim passavam as horas de ocio os frades, e por isso os odeiam os que tem medo de uma caveira, os que fogem dos cemiterios, os que não sabem orar, porque não creem. R.

## SECÇÃO LITTERARIA

### GOIVOS

Eram pequenos e louros, tão risonhos, tão eguaes! Veiu a morte, e, de um em troca, deixa a dor aos tristes paes.

E dizia, o que ficára:

—Onde foi o mano meu?

—Foi muito longe, meu filho,

—voltava o pae—para o ceo!...

N'isto a porta oscillou, sacudida por alguém:

—Eil-o que chega, meu pae; eis o mano, que lá vem!

Geme a ferrugem nos gonzos, e, em vez do gelado infante, da casa, o fiel molosso crusa o humbral n'aquelle instante.

—Não é!—dizia admirado.—

Não pode agora tardar...

Talvez o encontre no leito, á noite, ao ir-me deitar!

E a loira creança embalde, pelo irmãosinho aguardando, —Ai que longe fica o ceo!— dizia de quando em quando.



QUE FOSTE, REI OU MENDIGO?

Edade de illusões faceis,  
quadra de ingenuos amôres!  
Vão-te os olhos ceos a dentro,  
corre o teu pé em verdôres!

Um dia abrazando em febre,  
—Eu vejo o mano!—dizia.

E co'a mãosita apontando,  
para os ceos, o olhar movia.

E outra cruz no cemiterio,  
mais tarde o povo notára.  
Juncto ao primeiro esquite,  
novo esquite ali baixára!...

Mattos Ferreira.

## DOXOLOGIA

(À SANTÍSSIMA TRINDADE)

Trinitas, Deitas, unitas æterna.

Magestas, potestas, pietas superna.

Sol, lumen et numen, cacumen, se-  
mita.

Lapis, mons, petra, fons, flumen, pons  
et vita.

Tu sator, creator, amator, redemptor,  
salvator luxque perpetua.

Tu tutor et decor, tu candor, tu  
splendor et odor quo vivunt mortua.

Tu vertex et apex, regum rex, legum  
lex et vindex, tu lux angelica.

Quem clamant, adorant; quem lau-  
dant, quem cantant, quem amant agmi-  
na cœlica.

Tu Theos et heros, dives flos, vivens  
ros, rege nos, salva nos, perduc nos  
ad thronos superos et vera gaudia.

Tu decus et virtus, tu justus et ve-  
rus, tu sanctus et bonus, tu rectus et  
summus Dominus, tibi sit gloria.

—Trindade, Divindade, unidade eter-  
na.

—Magestade, potestade, piedade su-  
perna.

—Sol, luz e providencia, altura, ve-  
reda.

—Pedra, montanha, rocha, fonte, flor,  
ponte e vida.

—Tu és o semeador, o Creador, o  
que ama, o Redemptor, o Salvador, e  
a luz perpetua.

—Tu és o tutor e a gloria; tu és o  
alvor, o esplendor e o balsamo que dá  
vida aos mortos.

—Tu és o vértice e o cumulo, o Rei  
dos reis, a lei das leis e o vingador.  
Tu és a luz dos anjos.

—E' a ti que clamam e adoram, é a  
ti que louvam, é a ti que cantam, é a  
ti que amam as legiões celestes.

—Tu és o Deus e o heroe, a rica flor,  
o rocio vivificador; governa-nos, salva-  
nos, guia-nos para os thronos excelsos  
e as verdadeiras alegrias.

—Tu és a belleza e a virtude; tu és  
o justo e o verdadeiro, tu és o Santo  
e o bom; tu és o recto e soberano Se-  
nhor: Gloria te seja!

Que grandeza! que pomposa enumeração! Como o pensamento da Edade Media apparece gigantesco n'esta poesia do seculo XIII! Como este hymno devido á penna de Pedro de Corbeil, arcebispo de Sens (França) em 1200, illustre prelado pela sua sciencia e piedade, encerra as mais formosas qualidades lyricas! Eis ali a Edade Media com a sua originalidade e arrojo!

O *Trinitas*, como o seu nome o indica, é uma doxologia em honra da SS. Trindade. E' um poema de uma accumulção de epithetos, de qualificações magestosas e harmonicas tomadas á Escripura Sagrada. E' emfim um grito de entusiasmo e de amor. E o entusiasmo do poeta christão chega ao seu paroxismo quando exprime as palavras: *Tu Theos et heros, dives flos, vivens ros, rege nos, salva nos, perduc nos ad thronos superos et vera gaudia*.—Tu és o Deus e o heroe, a rica flor, o rocio vivificador; governa-nos, salva-nos, guia-nos para os thronos excelsos e as verdadeiras alegrias.

Este poema original distingue-se sobre tudo pela trindade perpetua da cadencia sonica e das syllabas e pela sua divisão em grupos ternarios. Cantado nas egrejas, e nas admiraveis cathedraes da Edade Media, por toda a gente, crianças, homens e mulheres, devia produzir um effeito verdadeiramente popular e arrebatador.

Havia seiscentos annos, que este monumento de lyrismo estava esquecido no diptico em marfim da Bibliotheca de Sens, d'onde só ha poucos annos veio a lume, entre outras peças raras, devido aos fragosos trabalhos de um estimavel escriptor christão francez, ha pouco fallecido, Snr. Félix Clément.

Apresentando debaixo dos olhos dos leitores do «Progresso Catholico», esta composição celebre da Edade Media; creio apresentar-lhes uma poesia rara e de subido valor.

J. C. de Faria e Castro.

## A Historia popular dos Papas

Prevenimos os snrs. assignantes d'esta importante publicação, que o 1.º volume será distribuido, querendo Deus, nos primeiros dias de julho, e os seguintes volumes com o intervallo de um mez uns dos outros.

O preço que por desejo de propaganda fizemos de 600 reis o volume, metade do preço que teve a primeira edição, termina logo que seja distribuido o 1.º volume. Todos os nossos bondosos assignantes que desejarem possuir este monumento litterario-historico, por metade do seu preço primitivo, queiram mandar as suas assignaturas e respectiva importancia do 1.º volume pelo menos, até aos primeiros dias de julho, pois que depois vigorará o preço antigo.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**T**ERMINOU o Mez de Maria consagrado á SS. Virgem. Em Guimarães foi um mez de festa; a toda a hora repicavam os sinos, e no templo os canticos ressoavam pelas naves, e o incenso queimado em honra da Mãe de Deus elevava-se em espiraes em sete casas ao Deus vivo consagradas.

Nos primeiros dias do mez corrente fizeram-se as festividades da conclusão do Mez das flores, em todas com mais ou menos esplendor, sobresahindo a da egreja da Misericordia, feita a expensas das Filhas de Maria. As festas por estas sympathicas filhas da Virgem promovidas tem um não sei que de extraordinario, que arrastam para o templo os fleis aos milhares! E mais não ha grandes orquestras, custosas colgaduras pendentes das paredes; ha muitas flores, muitos lumes, o canto mavioso das esposas de Jesus e depois, a trasbordar de tudo, a sentir-se por toda a parte, a fé, a devoção, as alegrias que sempre brotam de corações dedicados ao bem. E' só isto, e é isto o

bastante para Guimarães correr ao templo para assistir às festas das Filhas de Maria.

As pequenas Filhas de Maria, do collegio de S. Francisco, não se esqueceram também do Mez de Maria, consagrando a ultima sexta feira do mez à sua Mãe Celeste. Confessaram-se, fortaleceram-se com o Pão dos Anjos e admitiram no seu formoso grupo mais dez meninas que ficaram fazendo parte da Pia União das Filhas de Maria.

O côro das Filhas de Maria (de senhoras) foi a S. Francisco abrilhantar a festa das suas pequenas Irmãs, cantando admiravelmente durante a communhão, consagração, etc., etc.

E' de grande alegria para as pequenas collegiaes de S. Francisco o dia em que tem a sua communhão mensal. Já não poderiam passar sem esta piedosa pratica. E, com pezar o dizemos, a par de tantas alegrias, do contentamento que vae na alma das pequenas Filhas de Maria, e das Irmãs Hospitaleiras suas directoras, e da boa vontade do digno ministro da Ordem e dos bons desejos de dar impulso a uma obra tão civilisadora; apesar de tudo isto, ha ainda um trambolho a impedir o andamento da nascente Pia União.

Esse trambolho, para que havemos occultal-o? é o padre Commissario da Ordem. Não sei quem lhe metteu no toutiço que não deve gostar de Irmãs da Caridade, nem de Filhas de Maria, e por isso o vemos n'um caminho resvaladiço, provocando-nos uma lastima assás lastimosa.

Mas não haverá perigo porque continuamos a dizer com as pequenas Filhas de Maria:

«Desvarios de uma falsa sciencia,  
Não tememos, nem duros pareceis;  
Que os seus tiros repelle, indignada,  
A phalange infantil nos broqueis.»

Tivemos o prazer de ter em nossa casa por algumas horas no dia 28 de maio, duas Irmãs do Bom Pastor, da Casa Amarella, do Porto. Muito folgamos com uma tal visita e mais ainda porque ainda não tinhamos visto estas filhas da Caridade. Usam habito branco com um veu preto.

A congregação do Bom Pastor tem a casa geral em Angers, França, e conta já em varias partes do mundo 160 casas com um pessoal de 4 mil religiosas, que presidem a 20 mil penitentes; pois que o fim d'estas religiosas é promover a regeneração de mulheres perdidas e que vão ao seu instituto procurar no trabalho e na oração reparo para seus desvarios. As duas religiosas andavam a implorar esmolas para a sua casa do Porto. Fallaremos d'esta congregação mais de espaço.

A's noticias que temos dado dos preparativos que por toda a parte se fazem para o Jubileu do Santo Padre podemos hoje acrescentar as seguintes:

«As religiosas dominicanas de Granada, e as educandas do seu Collegio, offerecem ao Papa uma elegante caixa de setim primorosamente bordada a ouro, tendo no centro as armas pontificias. Dentro da caixa irão outros bordados de fino e exquisito trabalho para o santo sacrificio da Missa.

A Academia da Juventude catholica de Barcelona offerece uma riquissima joia.

Uma senhora de Madrid está bordando a ouro e pedras preciosas uma casula e duas dalmaticas, que hão de figurar na exposição Vaticana.

A Universidade catholica de Lille offerece um album ornado de numerosas heliogravuras representando vistas e construcções da Universidade realisadas sob o pontificado de Leão XIII.

A diocese de Reims offerece uma estatua do B. Urbano II, as de Orleans e Rouen uma obra d'arte, trabalhada em bronze, allusiva ao triumpho de Joanna d'Arc. O plano da offerta da de Clermont, traçado pelo proprio Bispo, é o seguinte: Uma estatua de Santo Austreimoine, fundador apostolico da mesma Igreja. No pedestal d'esta estatua um baixo relevo allusivo à pregação da Cruzada por Urbano II, em presença da imagem de Nossa Senhora do Porto.

A diocese de Saint-Briene offerece vasos sagrados e paramentos para as missões. Não ha uma só diocese em França que não seja representada na grande exposição Vaticana.

O principe primaz da Hungria, Cardeal Simor, offerecerá a Leão XIII um magnifico calix, verdadeira obra prima d'arte. Este calix terá em relevo as armas de Leão XIII, da Hungria e do principe primaz.»

Foi imponente e solemnisima a entrada do Ex.<sup>mo</sup> e Rv.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo de Larissa em Lamego. O nosso collega d'aquella cidade, o Affonso Henriques, assim a descreve:

«Como havíamos dito no passado numero d'este semanario, chegou a esta cidade, às 3 horas da tarde de quinta-feira, o sr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Larissa e coadjutor e futuro successor do Bispo d'esta Diocese—D. Antonio da Trindade, a quem o pezo dos annos e o seu mau estado de saude não permitem o poder exercer por mais tempo as funções de Prelado, que elle com todo o escrupulo e intelligencia desempenhou no periodo de 23 annos.

Os corpos docentes do Lyceu e Seminario, Cabido, parochos das freguesias

de Almacave e Sé, grande numero de ecclesiasticos, familia do sr. dr. Manoel Cardoso de Girão, Antonio Teixeira de Sousa e seu filho Diogo, da Casa do Poço, estudantes do Lyceu e Collegio de Lamego, varios cavalheiros d'esta cidade e muitos de fóra, foram esperar o sr. D. João de Menezes à estação da Regoa, onde o cumprimentaram, acompanhando-o em seguida a esta cidade, em trens e a cavallo.

O numero de trens que se seguia ao do futuro successor do Bispo de Lamego era de 14, e de 26 o de cavalleiros e collegiaes, que abriam o prestito a cavallo.

O prestito, que era extenso e imponente, deu entrada n'esta cidade pela Praça do Commercio e seguiu as ruas de Almacave, D. Luiz, Avenida, Visconde de Guedes Teixeira, Rocio e deu entrada no Paço Episcopal.

Todas estas ruas se achavam profusamente embandeiradas, e as janellas das casas das mesmas estavam repletas de senhoras e cavalheiros e ornamentadas com ricas colchas de damasco.

A' porta do Paço Episcopal estava uma multidão enorme de damas, cavalheiros e gente do povo, que saudavam —com regosijo—o futuro prelado de Lamego.

Durante o trajecto estoiraram morteiros, subiram ao ar muitas girandolas de foguetes e repicaram os sinos.

As ruas por onde passou o prestito estavam apinhadas de gente de todas as cathogorias.»

E' curiosa e de alta importancia a seguinte confissão que o pastor protestante Sloecker, um dos mais aferrados inimigos da Igreja Catholica, publica na *Gazeta Ecclesiastica Evangelica*, de Berlim.

Leia-se e louve-se a Deus:

«Ha alguns annos que vemos a Igreja Catholica na Allemanha adquirir um desenvolvimento e uma influencia sempre crescentes. No momento em que a nossa igreja se vê a ponto de succumbir sob a indifferença das classes mais illustradas, e o odio das classes trabalhadoras, Roma adquire as sympathias dos principes, dos nobres, da classe media, dos lavradores e dos obreiros.

Os catholicos allemães emprehenderam essa lucha brilhante com a monarchia mais poderosa da terra, e sem ella obtiveram o triumpho. Por espaço de dez annos o Centro tem sido a mola parlamentar do *Reichstag*, e hoje não se pôde combater o Centro senão satisfazendo-se as reivindicações dos catholicos. Ao mesmo tempo a Igreja Catholica tem adquirido uma influencia es-pantosa no terreno social. Cheia de acti-

vidade na litteratura e na vida de associação, ha impedido o triumpho do socialismo, e é considerada como a fomentadora das grandes reformas economicas, a iniciadora da regeneração social.

Não podemos negar que a Igreja Catholica tem deixado muito atraz de si a igreja protestante, e que trabalha todos os dias para mais alargar estas distancias. Redobra todos os dias de actividade, e por isso a vemos afagada pelos governos, obsequiada e considerada nos Parlamantos, e amada pelos povos.»

Que dizem a isto os protestantes de cá?

Louvemos a Deus, que sempre nos dá noticias de Lourdes com que possamos agradar aos nossos amigos e levar o desalento ás fileiras dos indifferentes, que julgavam, com o seu indifferentismo, abafar esse concerto quasi universal de vozes agradecidas, que entoam louvores á Mãe de Deus sob as abobadadas magestosas da Basilica de Lourdes, e na cuspide da montanha onde se tem operado as maiores maravilhas d'este seculo de maravilhas.

Disseram consigo os *sabios*:—não digamos nada de Lourdes; que os nossos jornaes sejam mudos diante d'esses protentosos acontecimentos; porque calados elles, e como a Reacção tem poucos órgãos na imprensa, facil será o esquecimento total para as cousas de Lourdes.

Mas enganaram-se. Todos os dias milhares de peregrinos, descendo a montanha santa, vão, em todos os cantos do globo, proclamar os milagres de Lourdes!

E nós fazemos o mesmo, proclamando mais este:

«No Convento de Religiosas dominicanas de Almagro (Ciudad Real) havia uma religiosa ha cinco annos atacada de amolecimento da medulla espinhal. A sua gravidade chegou ao extremo de não tomar medicamento algum por que os medicos declararam a doença incuravel.

A religiosa, que tinha grandes esperanças na Mãe de Deus, procurou uma medalha da Virgem de Lourdes, e agua da fonte milagrosa, e começou uma novena.

No ultimo dia da novena, enquanto a comunidade entoava no côro a *Salve Rainha*, a enfermeira tractou de levantar a doente para lhe fazer a cama; e apenas poz os pés no chão sentiu-se instantaneamente curada, e dirigiu-se correndo ao côro e acompanhou a comunidade no canto da *Salve* com voz perfeita como se nunca estivera doente.

Desde aquelle momento a religiosa

tem assistido a todos os actos da comunidade.

O Sr. Bispo da Diocese, depois de minuciosamente informado, recommendou á Superiora a publicação d'este favor para maior gloria de Deus, e de sua Mãe Immaculada.»

Escrevem-nos de Cerdeira:

«Permitta V. que demos publicidade no seu bem conceituado jornal aos promenores d'uma festividade que ha pouco se fez ao Sagrado Coração de Jesus na freguezia da Cerdeira, porque nos não soffre o animo deixar passar em silencio manifestações d'esta qualidade.

Esta festividade foi por certo mais uma prova que aquella freguezia deu da sua piedade e um documento de mais que temos a registar para dizer confiadamente que a devoção ao S. Coração de Jesus é sem duvida providencial, pois não ha povo nenhum que se diga religioso onde ella não tenha entrado, lançado grandes raizes e produzido fructos saborosissimos. E' na verdade consolador que n'um seculo tão infatuado como este appareçam repetidas manifestações d'uma devoção que tão grande bem está fazendo á Igreja e á humanidade.

Não ha dois annos ainda que aquella freguezia se aggregou ao Apostolado da Oração e já este anno não só conseguiu mandar vir uma rica imagem do S. Coração de Jesus, mas fez mais, assignalou a sua vinda com uma festa brilhante, festa toda a expensas de seus dignos associados. A festa a que alludimos teve logar no dia 24 d'Abril.

Tanto o templo como as ruas por onde havia de passar a procissão achavam-se ricamente decoradas com grandes trabalhos d'arte, que faziam a admiração de seus visitantes. A gente n'aquelle dia regorgitava por toda a povoação, como por encanto. Dir-se-ia que as freguezias limitrophes, attrahidas pelo apparato religioso se tinham como que despovoado para assistir á festa. Nas physionomias dos festeiros, zeladores e mais associados lia-se uma alegria geral, extraordinaria, intima, indizível, que só se experimenta na practica de nobres acções, e que os reunia, por assim dizer, debaixo d'um só pensamento.

Eram 11 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> horas da manhã quando principiou no templo esta festividade precedida d'uma procissão que saiu da Capella de Santo Amaro, onde teve logar a cerimonia da benção da imagem, para a Igreja Matriz. Esta procissão que bem podemos chamar preliminar, d'um effeito deslumbrante, era formada pela antiquissima irmandade de Santo Antonio, orago da Igreja; por 18 esbel-

tas creanças vestidas d'anjo, que acompanhavam as imagens dos Santos que alli se veneram, sobresaíndo no meio d'estas o Divino Coração de Jesus, que n'um rico andor era conduzido por quatro associados; e por um grande numero de meninas, que em açafates ornados de fitas e flores levavam mimosas offertas ou fogaças com que depois se formou uma especie de bazar, revertendo o seu proveito para o cofre do coração de Jesus. Finda esta cerimonia teve logar a exposição do Santissimo. O throno e os altares lateraes do templo ostentavam simplicidade e elegancia. A missa foi cantada a grande instrumental pela musica do Rv.<sup>mo</sup> Snr. Arcediago Simões Dias, que muito bem se desempenhou tanto na igreja como fóra, não deixando nada a desejar. Ao Evangelho subiu ao pulpito o Rv.<sup>o</sup> Parocho da freguezia que n'uma tocante oração fez a apologia do S. Coração de Jesus, mostrando até á evidencia os grandes beneficios e graças que nos vem e tem vindo d'esta piedosa liga. Muitos associados e zeladores tanto da Cerdeira como das freguezias circumvisinhas, depois da conveniente preparação receberam o Pão Eucharistico na occasião da missa. Terminou a festa por uma solemne procissão em que, alem dos anjos, irmandade, creanças e musica de que já demos noticia, ia o Santissimo Sacramento, correndo todo este acto com a maior regularidade e decencia, deixando satisfetissimos todos quantos tiveram a felicidade de assistir a tão notavel festa. Mil louvores ao digno presidente da associação, a seus zeladores e associados, que a nada se pouparam para que esta função corresse com o maximo esplendor.

Recebemos o Relatorio do Apostolado da Oração no anno de 1885 a 86 e por elle vemos que fructifica cada vez mais essa vasta e piedosa associação que, sob a invocação do SS. Coração de Jesus, se espallia por todo o mundo, ramificando-se prodigiosamente por todas as terras de Portugal.

Tem hoje 1:074 Centros com 836:010 associados e 23:272 zeladores.

Os fructos colhidos d'esta arvore gigante são bem conhecidos, por isso Deus lhe não falta com a sua assistencia.

Aqui está um meio de fazer e consolidar a União Catholica em Portugal; meio facilimo, pois que só consiste em se associarem no Apostolado da Oração, á testa do qual estão em todas as Dioceses os respectivos Prelados. Mas, quantos dos que por ali prégam a União Catholica não sabem da existencia do Apostolado da Oração?

J. de Freitas.